

EDUCAÇÃO e --- TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

N.º 2 / Janeiro / 88

IMPORTA SABER SER

Não é sem um certo orgulho que publicamos o segundo número da revista do Instituto Politécnico da Guarda.

Pretendemos abrir um espaço de comunicação — fizemo-lo;

Pretendemos a participação de alunos, professores, comunidade — tivemo-la;

Pretendemos que houvesse lugar à informação, à reflexão, à troca de experiências — conseguimos-lo.

A verdade é que a adesão foi entusiástica e a aceitação foi expressa em inúmeras palavras de estímulo que nos incentivam a continuar na procura de maior qualidade.

O segundo número de "Educação e Tecnologia" vai coincidir não só com a abertura do novo ano escolar da Escola Superior de Educação, o segundo, mas também com o início das actividades lectivas de mais uma escola — a Escola Superior de Tecnologia da Guarda.

Numa sociedade confrontada com rápidos e constantes progressos no domínio científico tecnológico e com a conseqüente evolução, ou seja, uma sociedade em constante mutação, requiere-se um homem novo capaz de protagonizar a mudança e, ao mesmo tempo, capaz de se manter fiel a si próprio nessa mesma sociedade.

Na formação dos técnicos e professores do I.P.G. tentamos que se desenvolva a capacidade de participar livre e plenamente em actividades comuns numa perspectiva de realização em comunidade. Tal só é possível com o alargamento do horizonte cultural e cada um interagindo, aprendendo com os outros e proporcionando aos outros condições de aprendizagem na condição de que, mais do que saber ou saber fazer, o que importa é saber ser.

"Educação e Tecnologia" pretende, afinal, afirmar-se como um dos muitos meios para o conseguir.

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do Instituto Politécnico da Guarda

O CONFLITO EM FREUD E EM PIAGET

Maria Emilia de Sousa Andrade — Prof.^a da E.S.E.G.

- Nota Introdutória.
- Noção de Conflito
- Conflito Inconsciente. Conflito Cognitivo.
Função do Conflito no Desenvolvimento.
- O Conflito e a Aprendizagem.

NOTA INTRODUTÓRIA

Ao elaborarmos este breve trabalho não pretendemos colocar em confronto os modelos teóricos de Freud e Piaget, mas tão somente determo-nos um pouco na análise da função, atribuída por estes autores ao conflito na génese do nosso comportamento e no processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Sem termos como objectivo vincar as diferenças ou as semelhanças dos pontos de vista dos teóricos citados, nem opor o conflito de motivações inconscientes ao conflito cognitivo, pretendemos com este estudo, forçosamente limitado e incompleto, alcançar uma maior compreensão da criança como "ser total".

NOÇÃO DE CONFLITO

O conflito (do latim *conflictus* — de *confligere* — que significa colisão, luta, choque) tem sido uma constante ao longo da História do homem, constituindo-se como um determinante da sua evolução e está, a cada momento, presente na vida de cada um de nós.

O homem, enquanto sistema aberto e finalizado, procura alcançar uma meta pré-determinada através de uma interacção constante e vital com os outros sistemas que formam o meio exterior. Porém, vários obstáculos e barreiras se encontram colocados entre ele e a finalidade procurada, agindo como "perturbações", originando conflitos, que alteram o seu equilíbrio e reclamam a intervenção do sistema regulador. Este procurará eliminar a perturbação, resolver o conflito e orientar o comportamento no sentido de este poder vir a alcançar o objectivo.

O conflito encontra-se assim na relação do ser individual com o seu meio envolvente. Conforme afirma J.L. Faure "o conflito "normal" reside antes de mais nesta contradição primária, instaurada desde o nascimento, entre pulsões instintivas individuais, tendendo sem restrições para o seu fim, os obstáculos ou interdições postos pelo meio enquanto nó dos laços necessários dados com a própria vida e impondo as suas lei" (1).

O conflito parece dar-se a cada instante e a cada instante ser resolvido, não sendo a vida mais do que uma alternância de equilíbrio e desequilíbrio, uma sucessão de ensaios e erros. Mas nem tudo é tão simples. A Psicologia reservou a designação de conflito "para um estado que destrói o equilíbrio psicológico, porque se encontra submetido à acção de impulsos, motivações ou processos de conduta incompatíveis" (2) que a não ser resolvido conduz à neurose.

Para Lundin, "a operação básica do conflito envolve a apresentação de estímulos simultâneos para duas respostas incompatíveis em uma situação em que, se apresentados isoladamente cada um deles consumiria a uma resposta" (3) o que conduziria o sujeito a uma situação de "ambivalência".

O reflexologista russo, Pavlov, estudou o conflito apercebendo-se também das relações existentes entre este e os sintomas neuróticos apesar de considerar o comportamento conflitual como uma continuidade do comportamento normal. Propôs o estudo do conflito através de investigação laboratorial (4).

Kurt Lewin (1935) interessou-se igualmente pela análise do comportamento conflitual, apresentando, após estudos feitos, uma tríplice classificação de conflito: conflito de *atração-atracção*; de *atração-repulsão* e de *repulsão-repulsão* (5). Lewin "estabelece que existe uma interacção contínua entre as forças do meio ambiental que incidem sobre o indivíduo e sobre as forças motivacionais existentes no seu interior" (6). As forças em presença têm a sua origem nas necessidades internas, formam sistemas de tensões que permanecem até que sejam descarregadas através da acção. O sujeito não mantém relações neutras com o meio, pois que "os objectos e os acontecimentos, quando percebidos como estando relacionados às necessidades, possuem valências, que são positivas ou negativas, segundo sejam capazes de satisfazer ou frustrar as necessidades" (7). Segundo Lewin se os outros sistemas impedem a tensão de se escoar, podem aparecer no sujeito acções substitutivas que ficam a "nível da irreabilidade" e do "simbólico" ou em termos de Freud de "sublimação". Conclui ainda o autor que os conflitos que mais dificilmente

(1) — FAURE, J.L., "Conflite, Conflituel" in "Vocabulaire de Psychopédagogie et Psychiatrie de l'Enfant" P.U.F., 1969, p. 143.

(2) — DOUCET, Friedrich, *A Psicanálise* Freud, Adler, Jung. Editores Associados, Lisboa, p. 48.

(3) — LUNDIN, R.W., *A Personalidade — uma análise do comportamento*, Editora Herder, 1972, p. 473.

(4) — Vide KENDLER, H., "Introdução à Psicologia", Vol. I, 5.ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 792

(5) — Ibid, op. cit. pág. 792.

(6) — VERNON, M.D., "Motivação Humana". Editora Vozes, Ltda. Petrópolis, R.J., 1973, p. 239.

(7) — VERNON, M.D., op. cit., p. 239.

são resolvidos e que se apresentam como mais dolorosos são aqueles que envolvem valências negativas.

O trabalho de Lewin foi continuado por Neal Miller e seus colaboradores (1959) que estudaram os mecanismos fundamentais implicados nas três formas de conflito já referidas e as suas consequências tendo concluído que certos conflitos persistem por longo período e podem não só interferir no comportamento do organismo como até atingi-lo seriamente.

Esta permanência é referida igualmente por Faure ao definir uma situação conflitual como "toda a perturbação relacional real que vem sobrepôr-se aos conflitos evolutivos habituais e complicar ou impedir a sua resolução, quer seja fechando as passagens normais ao deslocamento das pulsões ou introduzindo aí uma causa suplementar de conflito" (8). Aponta ainda, no seu artigo, uma larga lista de vicissitudes reais que afectam as relações interpessoais em que evolui a criança, atribuindo relevo especial às relações criança/pais.

Não é possível abordar o tema do conflito sem uma referência especial a Freud pelo relevo dado por este ao "conflito inconsciente".

De um conflito algo diferente — o conflito cognitivo — trata o epistemólogo e psicólogo Jean Piaget.

A estes autores dedicaremos, por conseguinte, a nossa atenção.

CONFLITO INCONSCIENTE. CONFLITO COGNITIVO. FUNÇÃO DO CONFLITO NO DESENVOLVIMENTO.

Embora separados pela relevância dada a um dos aspectos do desenvolvimento — a afectividade em Freud e a cognição em Piaget — ambos definem estádios de desenvolvimento que mantêm uma ordem de sucessão constante, independente em larga medida da idade cronológica, e um carácter universal. E, ainda, para ambos os autores o conflito desempenha uma função específica no desenvolvimento.

Muito embora alguns estudiosos afirmem que o conflito está "completamente ausente em Piaget" (9) podemos, afirmar que, não obstante o pouco espaço que o problema ocupa na sua obra, este autor atribui ao conflito uma real importância. É contudo conveniente recordar que o desenvolvimento estudado por Piaget é o desenvolvimento cognitivo e por isso mesmo o conflito se reveste de características especiais, é ele também "cognitivo". Originado em "perturbações" que têm na base uma necessidade, identifica-se com o conceito de desequilíbrio. Pode estar no interior da criança, pode resultar do confronto entre a criança e outras crianças com pontos de vista diferentes — *conflitos sócio-cogni-*

(8) — FAURE, J.L., op. cit., p. 143.

(9) — TRAN-THONG, *Estádios e Conceitos de estádios de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea*, 1.º Vol., Porto, Afrontamentos, p. 152.

tivo — ou resultar ainda do confronto entre a criança e o mundo exterior que ela pretende incorporar para conhecer.

Piaget parte do princípio de que a mentalidade humana é dotada de tendências adaptativas inatas, mas reconhece que devido ao longo período de tempo que as estruturas demoram a construir-se podem surgir desequilíbrios ligados ao funcionamento de uma estrutura particular.

E se para Piaget esses conflitos ou desequilíbrios têm fundamentalmente um papel motivacional, não deixa de afirmar "que numa perspectiva de equilibração uma das fontes de progresso no desenvolvimento dos conhecimentos deve ser procurada nos desequilíbrios como tais que por si sós obrigam o sujeito a ultrapassar o seu estado actual e a procurar o que quer que seja em direcções novas"⁽¹⁰⁾ e que "são estes desequilíbrios (desequilíbrios devidos à diversidade de sistemas e sub-sistemas de observáveis e coordenações) que constituem o móbil da pesquisa, pois sem eles o conhecimento permaneceria estático"⁽¹¹⁾.

Contudo, o conflito cognitivo nunca se torna profundo, divergindo Piaget da linha psicanalítica, recusando o contributo desta mesmo para a explicação de uma frequência maior e uma maior dificuldade de ultrapassagem dos conflitos nos estádios iniciais do desenvolvimento, recorrendo-se antes do papel das "negações" para a compreensão dos mesmos.

Embora Freud e Piaget atribuam uma importância decisiva à construção do objecto permanente" a perspectiva em que cada um se coloca é quase antagónica. Na teoria Piagetiana os objectos servem para colocar a criança em desequilíbrio, em conflito, mas não mantêm nenhuma relação particular com o sujeito, apresentam-se como independentes e existem apenas para serem conhecidos e não para sustentarem com o sujeito uma relação afectiva. Se Piaget admite o interaccionismo e a criança é para ele "não apenas o produto do desenvolvimento que se verifica" independentemente dela" mas é ao contrário "o autor desse desenvolvimento"⁽¹²⁾ não chega à construção de um "inter-relacionismo" entre o sujeito e os objectos como notou Dolle na sua obra "De Freud a Piaget".

Piaget não nega a importância do social, afirma mesmo que "a história do desenvolvimento intelectual da criança, é em boa parte a história da socialização progressiva dum pensamento individual, primeiramente refractário à adaptação social, depois cada vez mais penetrado pelas influências adultas ambientais⁽¹³⁾, mas é na adaptação enquanto mecanismo perpétuo de reajustamento e expressão do equilíbrio entre o processo de assimilação e acomodação que coloca o acento tónico.

(10) — PIAGET, J., "A Equilibrção das estruturas Cognitivas. Problema Central do Desenvolvimento". Zahar Editores. Rio de Janeiro, p. 19.

(11) — Ibid., op. cit., p. 19.

(12) — GROSSEN, M. e PERRET-CLERMONT, "Elementos para uma psicologia social do desenvolvimento operativo da Criança" in "Análise Psicológica" n.º 1/2 Série III, 1982, p. 117.

(13) — REUHLIN, Maurice, "Histoire de la Psychologie". P.U.F., 1957, p. 94.

Piaget crê assim num "desenvolvimento progressivo, contínuo, marcado por uma profunda unidade funcional"⁽¹⁴⁾ onde o processo de equilíbrio das estruturas cognitivas desempenha o papel principal, impedindo qualquer cisão, já que para Piaget "a equilíbrio é cedo ou tarde necessariamente *majorante*"⁽¹⁵⁾, acarretando a superação dos conflitos pela construção duma nova estrutura.

Este conceito de desenvolvimento em espiral ascendente e ininterrupta dependente do processo de equilíbrio prioritariamente, mereceu críticas severas por parte de alguns psicólogos. Henri Wallon que na obra *L'évolution psychologique de l'enfant*, 1941, concebe o desenvolvimento da criança marcado por "crises" e "conflitos" e não professa o adultocentrismo de Piaget teceu severas críticas ao carácter contínuo do desenvolvimento proposto por este autor, chegando até a afirmar que mais que uma explicação Piaget apresenta uma descrição do processo de desenvolvimento.

O dualismo que Piaget estabelece entre a afectividade e a cognição, não obstante a sua afirmação de que "todas as condutas são afectivas e cognitivas", a sua recusa em ver no objecto outra coisa senão o seu valor cognitivo e a sua função no desenvolvimento da inteligência levaram Piaget a conceber o sujeito "como um ser geral, sem corpo real, independente do meio social de referência"⁽¹⁶⁾. O "sujeito epismético" não entra em relação dialéctica com o sujeito biopsicológico, com o sujeito afectivo e com o sujeito social de modo a constituir um sujeito psicológico integrador.⁽¹⁷⁾

Compreendendo que Piaget fez uma opção metodológica, consciente, é-nos, contudo, difícil compreender um sujeito epismético universal, um sujeito dos mecanismos comuns a todos os sujeitos individuais do mesmo nível vivendo num ambiente que não é mais que "uma entidade constante igual para todos os sujeitos da mesma idade"⁽¹⁸⁾ e considerarmos que o modelo piagetiano é, como afirma D. Ingleby, servindo-se como referência da série "Caminho das Estrelas", mais de um Vulcano que de um Humano⁽¹⁹⁾.

Neste modelo o "conflito, representante do desejo, é sempre submergido e vencido pelo racional.

Algo de diferente se passa com Freud, pois como afirmou Tran-Thong "o conflito é a peça chave da teoria freudiana"⁽²⁰⁾.

Freud foi construindo a sua teoria de acordo com a reflexão que a prática clínica lhe sugeriu. Sentiu, entretanto, e como acontece a todos

(14) — Ibid, op. cit., p. 94.

(15) — Piaget, J., op. cit., p. 439.

(16) — GROSSEN, M. e PERRET-CLERMONT, op. cit., p. 118.

(17) — Vide, DOLLE, Jean-Marie — "*De Freud a Piaget*", Moraes Editores, 1974. p. 128 e 129.

(18) — PINTO, Jorge Bento, "*Sobre a Concepção de Vinculação*", in, "Análise Psicológica", n.º 1/2 — Série III, 1982, p. 9.

(19) — INGLEBY, David, "*Freud e Piaget: A guerra imaginária*", in, "Análise Psicológica", n.º 1/2 — Série III, 1982, p. 9.

(20) — TRAN-THONG, op. cit., p. 152.

os teóricos inovadores, que a terminologia conceptual existente não lhe fornecia apoio suficiente, pelo que se lhe impôs a necessidade de construir um espaço teórico próprio. Socorreu-se, para tanto, dos conceitos próprios da física energética, então dominante, bem como da terminologia específica da economia política e da biologia da sua época. A sua linguagem é, pois, analógica.

Daqui decorre que a noção de conflito se vai estruturando de acordo com o progresso dialéctico do modelo freudiano.

Rejeitando a ideia de que "a consciência (é) a própria essência da vida psíquica" (21) e vendo antes "no inconsciente o fundo" (22) da mesma a explicação da realidade que a teoria de Freud propõe assenta no pressuposto de que o organismo é dirigido para um fim sob a acção de uma energia, de natureza, orgânica ou fisiológica, de origem não totalmente conhecida e que recebe a designação de "Trieb" — pulsão; impulso.

Esta energia dirigida é para Lagache um "conceito limite entre o biológico e o mental" (23) e tem como fonte um estado de excitação interior do corpo e como fim a procura da satisfação através de um objecto que dá resposta a essa excitação.

Nessa procura de satisfação, as pulsões, deparam muitas vezes com obstáculos activos e a oposição de forças é inevitável — o conflito produz-se. E se a força das pulsões for demasiada a conduta pode não ser capaz de resolver as tensões que a motivam.

Enquanto que na primeira teoria dos impulsos Freud analisa o conflito entre os impulsos sexuais (libido — conservação da espécie) e os impulsos do ego (conservação do indivíduo) e conclui que o conflito que conduz ao recalçamento dos "instintos" sexuais estaria na origem das neuroses, (24) na segunda teoria dos impulsos (1920) estabelece a distinção entre as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Thanatos) e o reconhecimento da existência da agressividade e do princípio da compulsão de repetição, expresso em "Para além do Princípio do Prazer" (1917) por Freud, torna o conflito "multidimensional, já não essencialmente entre o indivíduo e a espécie, entre o indivíduo e a sociedade, mas situa-se no interior do psiquismo individual, torna-se interno ou intradual" (25).

Mas, muitas foram as deserções e longo foi o caminho que conduziu a esta conclusão. É na obra "A Interpretação dos Sonhos" (1899) que Freud marca bem que todo o processo mental tem a sua origem no Inconsciente e apresenta a sua primeira "ficção" do aparelho psíquico. E, ao idealizá-lo formado por dois sistemas — o Inconsciente — e o Pré-Consciente — de pulsões inatas e dos desejos e recordações recalçados — e Pré-Consciente.

(21) — FREUD, Sigmund, *Essais de Psychanalyse*. Payot, p. 117.

(22) — FREUD, Sigmund, "La Science des Rêves", P.U.F., p. 599.

(23) — LAGACHE, Daniel, *La Psychanalyse*, P.U.F., 11.ª edição, 1973, p. 26.

(24) — Vide, FREUD, S., "Três Ensaios sobre a Sexualidade", 1905.

(25) — TRAN-THONG, *op. cit.*, p. 66.

ciente — sede das operações mentais e da capacidade de aprender — concebendo o Consciente como uma energia livre ao serviço do Pré-Consciente, Freud estabelece as fronteiras entre as quais se move o conflito. Pela concepção de uma "Censura" entre o Inconsciente e o Pré-Consciente e entre este e o Consciente explica o autor os choques entre as tendências admitidas pelo Pré-Consciente e as pulsões do Inconsciente. O conflito que se estabelece é o do Consciente e Pré-Consciente contra o Inconsciente.

Na obra "Psicopatologia da Vida Quotidiana" (1899) patenteia Freud a descoberta de que um conflito inconsciente resultante da repressão de desejos sexuais durante a infância estava na base dos actos perturbados, dos actos compulsivos e dos actos recalçados.

O Inconsciente torna-se cada vez mais relevante. É não apenas o motor do nosso comportamento como está para além ou mesmo por detrás das nossas motivações conscientes. Todos os nossos comportamentos, mesmo os que pareciam não ter uma justificação plausível, são explicados a partir de dentro, pois nada acontece por acaso e a discontinuidade psíquica não é admissível.

A motivação inconsciente determina, sem que de tal nos apercebamos, a motivação consciente. Como afirma Freud "uma vez estabelecida a distinção entre motivação consciente e motivação inconsciente, a nossa convicção ensina-nos... que o que assim fica não motivado de um lado recebe os motivos de outra fonte, do inconsciente, e disso resulta que o determinismo psíquico surge sem solução de continuidade"⁽²⁶⁾.

O reconhecimento da importância do Inconsciente na motivação do comportamento, cloca o conflito numa esfera cada vez mais profunda e agrava a sua solução "pois para se tornar dono do motivo inconsciente, é preciso uma operação psíquica que faça entrar este inconsciente na esfera da consciência"⁽²⁷⁾.

A descoberta do "determinismo psíquico" leva Freud a modificar a sua primeira teoria do aparelho psíquico e a construir, em 1923, a sua segunda tópica onde distingue três sistemas — o *Id*, o *Ego* e o *Superego*. Enquanto o *Id*, fonte de toda a energia, é desorganizado, ilógico, irracional e obedece apenas ao princípio do prazer, o *Ego* é regido pelo princípio da realidade, "controla o acesso à consciência e à acção"⁽²⁸⁾ e assegura a "função sintética da personalidade"⁽²⁹⁾ muito embora ele possa ser conscientes, pré-consciente ou inconsciente e estar revestido de libido como a descoberta do Narcisismo parece comprovar. O *Superego* resultante da interiorização das forças repressivas que o indivíduo encontra no decurso da sua existência e da "identificação" da criança com os pais idealizados, surge no término do conflito edípiano.

(26) — FREUD, S., *Psicopatologia da Vida Quotidiana*. Editorial Estudos Cor, Lisboa, p. 272.

(27) — *Ibid*, op. cit., p. 272.

(28) — LAGACHE, D., op. cit., p. 36.

(29) — *Ibid*, op. cit., p. 36.

Freud afirmou a existência de um conflito contínuo entre os três sistemas da personalidade. Conflito intrapsíquico, no interior do ego, resultante do degladiar de forças opostas de catexe e anticatexe.

O Ego aparece não apenas como elemento regulador, mas também como a instância sobre a qual quer o Id quer o Superego exercem forte pressão, procurando usá-lo em benefício próprio. Para poder resistir o Ego utiliza os meios ao seu alcance. Constrói assim mecanismos de defesa para se poder preservar, porque o jogo combinado do Ego e do Superego asseguram a defesa contra as pulsões libidinais do Id. O Ego pode ser esmagado pelo Superego já que "o seu poder dominador provém do facto de ser dele o herdeiro do complexo de Édipo, pelo qual se liga às primeiras fixações libidinais do Id"⁽³⁰⁾.

Para Freud o conflito edípiano é "o acontecimento nodal da existência e um factor capital da evolução psíquica, pois é a sua resolução que completa a constituição do aparelho psíquico da criança"⁽³¹⁾ pelo desenvolvimento do Superego.

Se entre as três instâncias que formam o aparelho psíquico as relações são de natureza conflitual, o desenvolvimento do ego, ao longo dos diferentes estádios pulsionais levará a marca destes conflitos.

Freud, tendo como base o conceito de zona erógena, zona situada em torno das aberturas do corpo e que serve de fronteira com o mundo exterior, ante o escândalo e o pasmo da "inteligência" da época⁽³²⁾ admite que o desenvolvimento se faz através de estádios pulsionais dependentes da maturação da libido. Assim a criança, ao longo do seu desenvolvimento, vai privilegiando uma determinada zona erógena, conseguindo, pela estimulação da mesma, a obtenção de prazer e, ao mesmo tempo, estabelecer relações com o mundo exterior. Mas este desenvolvimento não é para Freud contínuo, como defende Piaget, mas marcado de conflitos que, por nem sempre serem superados, podem conduzir a criança à "fixação" ou à "regressão". O conflito pode, por vezes, aumentar a "eficácia psíquica" como no caso da sublimação que conduz à arte, à criatividade, mas no geral pode levar à distorção do pensamento. Contrariamente ao que defende Piaget, Freud pensa que a relação que a criança estabelece com o meio "é tudo menos isenta de valores"⁽³³⁾ que a criança só vê do mundo aquilo que lhe interessa e que os conceitos que ela vai formando são influenciados pelo aspecto e pelo modo de interpretar o mundo, sendo esta interpretação dependente do passado individual de cada ser em desenvolvimento. Freud como vemos recusa "o princípio piagetiano de "equilíbrio" que tem como axioma que as estruturas mal adaptadas procuram auto corrigir-se"⁽³⁴⁾.

Manteve-se porém preso às suas raízes culturais, a um certo etnocen-

(30) — TRAN-THONG, op. cit., p. 123.

(31) — Ibid, op. cit., p. 132.

(32) — Vide, MANNONI, O, FEUD, "Introdução à Psicanálise", Publicações Europa-América, p. 115 a 122.

(33) — INGLEBY, artigo citado, "Análise Psicológica", p. 16.

(34) — Ibid, op. cit., p. 12.

trismo, que o levou a atribuir um carácter universal aos estádios de desenvolvimento propostos e a não abdicar de ver no Édipo o conflito mais marcante, o conflito onde se completa a estruturação da personalidade, aquele em que uma verdadeira instância recalcante — o Superego — actua de forma decisiva. Só o conflito inconsciente é determinante.

São muitos, porém, os psicanalistas que consideram que o Édipo não marca nenhuma barreira no que concerne ao aparecimento de conflito e que, partindo muito embora dos estádios de desenvolvimento estabelecidos por Freud, apresentam alterações a esses mesmos estádios especialmente fazendo recuar no tempo o aparecimento da situação edipiana ou atribuindo à evolução de estádio a estádio outra razão que não a maturação da libido.

Karl Abraham e Melanie Klein atribuem uma importância capital ao conflito quase desde o nascimento. "Para Melanie Klein e a sua escola desde as primeiras fases do desenvolvimento que o conflito edipiano se contitui" (36). Afirmam ainda estes psicanalistas que é desde o primeiro ano de vida que o Superego se começa a estabelecer, admitindo ainda "a presença de um Eu, desde o início da vida" (37) uma vez que a criança não apenas entra em relação com os objectos praticamente desde a nascença, mas ainda porque precocemente os interioriza.

René Spitz, Charles Odier e Garmaine Guex que se dedicaram a estudar a carência materna concluíram que o conflito e a frustração podem ser sentidos pela criança antes mesmo do primeiro ano de vida.

Anna Freud admite três possibilidades de aparecimento do conflito na sua obra "Infância Normal e Patológica", sendo o primeiro tipo o conflito entre a criança e o meio exterior que "acontece quando o ego, sob os ditames do princípio do prazer se alia ao Id na busca de realização de desejos, de satisfação de necessidades e impulsos" (38). O controlo que não pode ser ainda estabelecido pelo Ego fica a cargo do meio exterior.

Um segundo tipo de conflito surge aquando da introjecção da autoridade parental e da consequente formação do Superego. Para Anna Freud o aparecimento do temor nas crianças é indício seguro de que o Superego está formado e que, por conseguinte, os três sistemas da Personalidade estão já em acção.

O terceiro tipo de conflito envolve o Id e o Ego e produz-se quando este se sente ameaçado pelas pulsões do Id.

Por outro lado, Anna Freud subdivide os conflitos em externos, interiorizados e genuinamente internos, reconhecendo que apenas os externos melhoram mediante o tratamento das condições ambientais. Quanto aos internos, pensa a autora que, no caso das crianças, se pode chegar a uma cura definitiva, pela desmontagem do processo da nevrose, dado

(35) — Ibid, op. cit., p. 13.

(36) — LAGACHE, D., op. cit., p. 63.

(37) — PEREIRA, O. Gouveia e JESUÍNO, Jorge, "Desenvolvimento Psicológico da Criança", 1.º volume, Moraes editores, Lisboa, 1978, p. 258.

(38) — FREUD, Ana, "Infância Normal e Patológica", Zahar Editores, Rio de Janeiro, p. 118.

que os objectos primitivos dos conflitos da criança estão ainda presentes no meio e que o Superego não está ainda definitivamente formado.

A Escola Culturalista americana representada por Karen Horney, Erich Fromm e H.S. Sullivan ao atribuírem, uma importância maior às relações interpessoais e ao negarem que o objecto se deforma na passagem através do mundo interno do sujeito afastam-se um tanto da linha do "freudismo".

Horney em "Our Inner Conflicts" (Nova Iorque, 1948) "interpreta os conflitos como sendo "profundos", mas acredita que consistem em tendências opostas de movimentos tanto em direcção à pessoa como para longe dela ou contra ela"⁽³⁹⁾. Realça os conflitos actuais do indivíduo com o seu meio em "Neurose do Nosso Tempo" (1937). A ela se deve o conceito de "ansiedade básica" que K. Horney diz ser devida às condições ambientais que conduzem à insegurança. Os conflitos surgem devido às necessidades, mas as necessidades mais importantes geram-se no contacto social. Entre as nossas actuais necessidades ressalta a necessidade de segurança. Quando as necessidades se tornam excessivas pela sua natureza opressora e insaciável entram em conflito, podendo, então, gerar-se um conflito "interior" que se reveste das características dum conflito neurótico.

Admite ainda Karen Horney que cada indivíduo está apanhado numa rede de "conflitos culturais" que exercem, através de sistemas de valores antagónicos, um apertado controlo sobre a personalidade. Os conflitos que resultam deste antagonismo podem ser de qualquer forma: inconscientes. Para K. Horney não existe conflito universal que não se possa resolver entre o instinto de vida e o instinto de morte.

Na mesma linha desta autora, embora um pouco mais afastado de Freud, Erich Fromm em "Medo e Liberdade" 1941, coloca a origem do conflito na passagem da infância para a idade adulta e atribui-lhe como causa a liberdade e independência então alcançados, factores que tornam o homem só e isolado. A solidão não desejada levá-lo-ia a desejar não possuir a liberdade e a querer permanecer em estado de dependência, num conformismo total. O conflito que o homem enfrenta dependerá de ser parte da ordem social e estar separado dela.

Erik Erikson, representante da corrente psicossocial, muito embora subscreva o ponto de vista psicanalista do desenvolvimento da personalidade realça a função do Ego e atribui grande importância ao social na construção do mesmo. Embora concorde com Freud quanto à existência de um conflito evolutivo universal afirma que cada "situação particular torna-se culturalmente definida" e que "só quando a criança recebe reconhecimento coerente e cáldo de realizações que são significativas em suas culturas é adquirida uma identidade sadia do ego"⁽⁴⁰⁾. Aceit

(39) — LUNDIN, R.W., op. cit., p. 474.

(40) — JUSTIN PIKUNAS, Ph.D., "Desenvolvimento Humano", McGraw-Hill, São Paulo, 1979, p. 29.

que a adaptação à realidade social e que a acção que a sociedade exerce sobre o sujeito dependem da idade deste.

No seu modelo de desenvolvimento aparecem estádios que abarcam toda a vida do homem e coloca a crise máxima ou conflito na dependência das exigências sociais⁽⁴¹⁾.

Numa divergência maior relativamente ao "freudismo" Heins Hartmann em "La Psychologie du moi et Le Problème de L'Adaptation", (1968) afirma a existência de "uma esfera do Ego livre de conflitos" onde ocorre a percepção, o pensamento e a linguagem. Reconhece a importância das "funções autónomas do ego" na adaptação e propõe que a Psicanálise não se limite ao estudo do conflito, mas estude os processos que intervêm na "esfera autónoma do ego"⁽⁴²⁾.

À excepção de Hartmann, Freud os seus seguidores mais próximos e mesmo aqueles que se apresentam como dissidentes afirmaram a importância do conflito no desenvolvimento.

O CONFLITO E A APRENDIZAGEM

Piaget, no seu trabalho intitulado "Aprendizagem e Conhecimento" (1959) distingue aprendizagem em sentido lato da aprendizagem em sentido estrito⁽⁴³⁾. A primeira abarcaria o produto do processo de equilíbrio; a aprendizagem em sentido estrito, identifica-se, como defendem os cognitivistas, com o desenvolvimento.

Desta aprendizagem e do papel que o "conflito cognitivo" nela desempenha abtemo-nos de falar, mas queremos frisar uma vez mais que o "conflito inconsciente desempenha papel importante nesta "aprendizagem" entendida, por nós, hoje em dia, em oposição à "maturação".

Se em Piaget o conflito é sempre superado e a dinâmica do desenvolvimento prossegue continuamente até que a criança atinge o modelo adulto, para Freud o peso do passado individual é notório nesta "aprendizagem" pelo que, muitas vezes, os esforços feitos no sentido dum melhor equilíbrio não resultam, o conflito não se resolve, a tensão persiste e o ajustamento dissociativo sobrepõe-se ao integrativo, perenizando o conflito, tornando-o "anormal", interrompendo-se assim, através de rupturas que podem surgir em qualquer idade, o desenvolvimento.

Enquanto Piaget, em 1955, num curso ministrado na Sorbonne subordinado ao tema "Les relations entre l'intelligence e l'affectivité dans le développement de l'enfant" afirma que a afectividade não pode entravar a formação das estruturas cognitivas, pois esta não é mais que a "ener-

(41) — Vide Schickendanz, Judith e outros, "Toward Understanding Children", Little Brown & C., Boston, Toronto, p. 54 a 57.

(42) — Vide, Althusser, L., Lacan J. e outros, "Psicanálise e Factores Sócio-Políticos", Edições RÉS, Ltd., Porto, 1976, p. 47 e 65 a 79.

(43) — Vide, INHELDER, B., SINCLAIR, H. e BOVET, M., "Apprentissage et Structures de la Connaissance", P.U.F., 1974, pág. 13.

gética funcional" de que depende o funcionamento da inteligência e que apenas mantém uma interacção mecânica e não dialéctica com essas mesmas estruturas pelo que a reequilíbrio surgirá sempre através da auto-regulação, Freud "postulava que a acomodação de esquemas à realidade não ocorreria se a realidade fosse intragável"⁽⁴⁴⁾ recusando assim o princípio piagetiano do equilíbrio.

O conflito inconsciente, que está indissolúvelmente ligado à afectividade afecta não apenas o desenvolvimento, mas entrava a "aprendizagem" dita "normal" impondo, através da aquisição de motivos secundários, a "aprendizagem" de algo penoso ou "patológico". Se aproximarmos a linguagem psicanalítica da piagetiana, podemos afirmar que, nos "complexos" e nos "mecanismos de defesa", a realidade é assimilada de forma compulsiva a um esquema não apropriado, sendo a afirmação básica de Freud a de que "as distorções cognitivas servem propósitos emocionais" e de que "acomodação" não se fará "enquanto a força afectiva não for de qualquer modo descarregada ou desviada"⁽⁴⁵⁾, o mesmo é dizer, enquanto o conflito subjacente não for solucionado satisfatoriamente.

Seria interessante analisar aqui a sublimação como "processo de desviação da resposta da sua meta original para outra socialmente aceitável"⁽⁴⁶⁾ e a sua ligação às formas superiores de comportamento, bem como todos aqueles conceitos do freudismo que têm contribuído para o alargamento do conteúdo temático no campo da aprendizagem e entre os quais salientamos a motivação inconsciente, a ansiedade, o princípio do prazer/desprazer, a compulsão para a repetição, o "processo primário" e "secundário", mas a sua análise não cabe, porém, no âmbito deste trabalho. Limitamo-nos a afirmar que se pode estabelecer, em nossa opinião, uma certa analogia entre os princípios básicos de Freud — princípio do prazer/desprazer; princípio de constância, princípio de realidade e de compulsão para repetir — e as teorias implícitas da aprendizagem; por outro lado parece existir uma relação estreita entre estes mesmos princípios e as teorias do reforço e ainda, como o notaram Dollard e Miller, uma interligação entre o princípio de constância e o do prazer e a Social Learning" teoria da aprendizagem⁽⁴⁷⁾ que tem em conta a percepção de indícios mínimos ou ambíguos.

Da teoria de Freud se extrai a conclusão de que, em certas etapas da vida os conflitos tornam difícil o ajustamento à realidade implícita na aprendizagem escolar pelo que a época mais propícia à mesma é o "período de latência" e o período após a superação dos conflitos da adolescência. Fica-nos ainda a certeza que o conflito é uma constante na "aprendizagem" em todos os sentidos e de que devido à onipotên-

(44) — INGLEBY, David, op. cit., p. 13.

(45) — Ibid, op. cit., p. 12.

(46) — PENNA, António Gomes, "Aprendizagem e Motivação", Zahar editores, Rio de Janeiro, p. 144.

(47) — Vide, HILGARD, E.R., "Teorias de Aprendizagem", São Paulo, edições Herder, p. 366.

cia que lhe vem do seu carácter inconsciente transforma cada indivíduo em "actuando" mais do que em actor.

Voltando de novo a nossa atenção para Piaget vejamos como este define aprendizagem em sentido estrito: "Em sentido estrito, falamos de aprendizagem na medida em que, um resultado (conhecimento ou performance) é adquirido em função da experiência, podendo esta experiência ser de tipo físico, lógico-matemático ou os dois"⁽⁴⁸⁾.

Logicamente e dado que atribui à experiência uma importância não determinante, Piaget subordina a aprendizagem em sentido restrito às leis do desenvolvimento e dá relevância especial à actividade do sujeito em interacção com o meio. O meio, "objecto de conhecimento" só se dá a conhecer por aproximações sucessivas ao "Sujeito epismético" no momento em que ele age sobre ele e a inteligência só se alcança através da "abstracção reflexiva" sobre as experiências, já que estas, por si mesmas, não geram operações nem intervêm de forma definitiva na formação das estruturas, como o parecem confirmar as experiências realizadas por Smedslund (1961) e Wohlwill (1959) e Morf (1959)⁽⁴⁹⁾.

Para além de marcar a importância do desenvolvimento do aluno, Piaget considera como factores aceleradores do processo de aprendizagem a actividade do aluno e o uso de uma metodologia que tenha por base o conflito cognitivo.

Dado o relevo que as teorias de Piaget alcançam ao nível da Europa e do Ocidente em geral, muitas foram as experiências levadas a efeito nos sentido de provar ou contestar as certezas das mesmas neste particular. Entre as inúmeras experiências relevaremos as da chamada "linha ortodoxa", as conduzidas por behavioristas e ainda as realizadas por defensores da teoria psicossocial.

As representantes das Escolas de Genebra, Inhelder, Sinclair e Bovet, em "Apprentissage et Structures de la Conaissance", relatam as experiências por elas levadas a cabo e que tiveram como propósito confirmar a teoria de Piaget do privilégio do factor de equilíbrio nas aprendizagens cognitivas. Utilizaram para o efeito um método conflitual que pretende criar um conflito cognitivo no interior dos esquemas do sujeito ou entre estes e o objecto, de acordo com o modelo de equilíbrio piagetiano.

Concluíram estarem certos os princípios defendidos por Piaget e defendem, ante a aceitação de que houve um real progresso do desenvolvimento cognitivo das crianças envolvidas na experiência, que o método do conflito cognitivo é o único capaz de desencadear uma verdadeira aquisição e a permanência da mesma evidenciada na sua generalização e transferências.

Dentro da mesma linha se situam as experiências realizadas por Lefe-

(48) — PIAGET, Jean, "Aprendizagem e Conhecimento" citado in, MORGADO, L.M.ra A., "Perspectiva Piagetiana da Aprendizagem", U. Coimbra, 1981, p. 1987.

(49) — MORGADO, L.M.A., op. cit., p. 199.

vre e Pinard (1972) e Strauss e Rimalt (1974). As conclusões alcançadas vieram confirmar a importância do "conflito cognitivo".

Hamel e Rikson (1973), Rosenthal e Zimmerman (1979); Zimmerman e Lanaro (1974); Botvin e Murray (1975) e Brainerd (1974) entre outros levaram a cabo investigações que se apoiaram numa concepção da aprendizagem por reforço externo.

Brainerd, que utilizou um novo método designado por "dimensional discrimination training" onde se procura tornar visível à criança não-conservadora o conflito entre os sinais perceptivos e quantitativos, afirma, em artigo publicado em 1973, que a aprendizagem baseada no método de reforço externo apresenta melhores resultados do que aquela que usa como método o conflito cognitivo. Esta opinião foi criticada por Strauss que não se absteve de tecer duras críticas quanto à repetição que o método do reforço externo supõe.

Já entre os defensores da teoria psicossocial da aprendizagem as conclusões não se afastaram tanto dos pressupostos defendidos por Piaget. Enquanto Perret-Clermont, Miller e Brownell põem em destaque a influência da cooperação social para o desenvolvimento psicogenético, as experiências de Mugny, Giroud e Doise demonstraram, uma vez mais, que o método do conflito cognitivo é o mais adequado mesmo em situações de interacção social. As investigações de Silverman e Stone, (1972), Silverman e Geirfinger (1973), Silverman e Litman (1979) e W. Doise e Mugny (1979) levaram à conclusão de que, no geral, a interacção social pode provocar conflitos de centrações cognitivas que conduzem à maximização do rendimento, uma vez que a criança é levada a coordenar essas centrações.

Parece, hoje aceite que se a criança tiver oportunidade de agir, se tiver de ter em conta o ponto de vista das outras crianças, se for, enfim, colocada num conflito socio-cognitivo acaba por resolver o conflito que o confronto de pontos de vista supõe e do esforço despendido nascerá um maior conhecimento e um progresso maior no sentido do desenvolvimento.

Se "a interpretação que Piaget dá do comportamento humano se assemelha à imagem de um sistema complexo, mutuamente regulador e em equilíbrio"⁽⁵⁰⁾, sistema no qual o conflito serve apenas de encorajamento da acomodação dos esquemas à própria realidade e se Freud, não obstante acreditar que o conflito inconsciente pode conduzir a estados patológicos, afirma que é só através de uma progressiva maturação, consequência de modificações orgânicas, inibições e de expressão psíquica impostas pela educação que a sensibilidade sexualizada atinge o seu desenvolvimento normal e sobrepõe a todos os outros factores o factor psicológico, parece claro que as teses defendidas por ambos não

(50) — BALDWIN, Alfred L., "Teorias do Desenvolvimento da Criança", Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1973, p. 160.

estão tão afastadas como à primeira vista parece acontecer. Concordamos, em certa medida, com Ingleby quando este afirma que "as duas abordagens do desenvolvimento da racionalidade estão basicamente erradas, porque elas tornam o indivíduo como unidade de análise e ignoram que a racionalidade é actualmente uma construção social"⁽⁵¹⁾

Não queremos, porém, deixar de afirmar que, não obstante todas as críticas dirigidas a Piaget e a Freud, o seu contributo é de tal forma relevante que é impossível, hoje em dia, deixar de conhecer os seus contributos e as suas implicações no campo da educação.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALTHUSSER, L.; LACAN, J. e outros — *Psicanálise e Factores Sócio-Políticos*. Edições RÉS, Ltda., Porto, 1976.
- BALDWIN, Alfred L. — *Teorias do Desenvolvimento*. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1973, 1973.
- DOLLE, Jean-Marie, *De Freud a Piaget*. Moraes Editores, 1979.
- DOUCET, Friedrich — *Psicanálise* — Freud, Adler, Jung, Editores Associados, Lisboa.
- FAURE, J.L. — *Conflit, Conflituel* in "Vocabulaire de Psychopédagogie et Psychratie de l'Enfant". P.U.F., 1969.
- FREUD, Anna — *Infância Normal e Patológica*, Zahar editores, Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund — *Essais de Pasychanalyse*, Payot, Paris.
- FREUD, Sigmund — *La Science des rêves*. P.U.F., Paris. "Psicopatologia da Vida Quotidiana". Editorial Estúdios Cor, Lisboa. "Três Ensaio sobre a Sexualidade".
- GROSSEN Y. e PERRET-CLERMONT — *Elementos para uma psicologia social do desenvolvimento operatório da criança*, in "Análise Psicológica", n.º 1/2 — Série III, 1982.
- HILGARD, E.R. — *Teorias de Aprendizagem*. Edições Herder, São Paulo.
- INGLEBY, David — *Freud e Piaget: a guerra imaginária*, in "Análise Psicológica" n.º 1/22 — Série III, 1982.
- INHELDER, B.; SINCLAIRE, H. e BOUVET, M. *Apprentissage et Structures de la Connaissance*. P.U.F., 1974.
- JUSTIN PIKUNAS — *Desenvolvimento Humano*. McGraw-Hill, São Paulo, 1979.
- KENDLER, H. — *Introdução à Psicologia*, Vol. I, 5.ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAGACHE, Daniel — *La Psychanalyse*. P.U.F. 11.ª edição, 1973.
- LUNDIN, R.W. — *A Personalidade — uma análise do comportamento*. Editora Herder, 1972
- MANNONI, Octave — *FREUD, Introdução à Psicanálise*. Publicações Europa América.
- MORGADO, Luísa M.ª A. — *Perspectiva Piagetiana da Aprendizagem*. U. Coimbra, 1981.
- PENNA, António Gomes — *Aprendizagem e Motivação*. Zahar Editores. Rio Janeiro.
- PEREIRA, O.G. e JESUÍNO, J.C. — *Desenvolvimento Psicológico da Criança*, 1.º Vol. Moraes Editores, Lisboa, 1978.
- PIAGET, Jean — *Equilíbrio das estruturas Cognitivas*. Zahar Editores, Rio Janeiro.
- PIAGET, Jean — *Problemas de Psicologia Genética*. Lisboa, Publicações D. Quixote.

(51) — INGLEBY, David, op. cit., p. 5.

- PIAGET, Jean e INHELDER, B. — *A Psicologia da criança desde o nascimento à adolescência*. Moraes Editores, Lisboa.
- PIAGET, J. — *Le structuralisme*. P.U.F.
- REUCHLIN, Maurice — *Histoire de la Psychologie*, P.U.F.
- SCHRAML, W.J. — *Introdução à moderna psicologia do desenvolvimento para educadores*. E.P.U., São Paulo.
- SCHICKENDANZ, Judith e outros — *Toward Understanding Children*. Little Brown & Company, Boston — Toronto.
- TRAN-THONG — *Estádios e Conceitos de estádios de Desenvolvimento da Criança na Psicologia Contemporânea*. 1.º Vol. Ed. Afrontamento, Porto.
- VERNON, M.D. — *Motivação Humana*. Editora Vozes, Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, 1973.
- WALLON, H. — *L'évolution psychologique de l'enfant*, Ed. A. Colin, Paris.